

**ENTRE O VERNACULAR E A MODERNIDADE: O BAIRRO
SHANGRI-LÁ, LONDRINA (PR)
*BETWEEN THE VERNACULAR AND MODERNITY: SHANGRI-LÁ
NEIGHBORHOOD, LONDRINA (PR)***

Caroline Santos de Oliveira¹

Ideni Terezinha Antonello²

Resumo: O presente artigo enuncia uma discussão acerca da pluralidade da paisagem cultural em um recorte geográfico específico da cidade de Londrina (PR), o bairro Shangri-lá. O bairro, com gênese no início da década de 1950, é composto por um conjunto de três jardins: Shangri-lá A, Shangri-lá B e Jardim do Sol. Com base na pesquisa empírica efetuada mediante trabalho de campo no bairro Shangri-lá – objeto de estudo desta pesquisa –, no qual realizou-se o levantamento fotográfico do tipo base e tipologias edificadas, em concomitância com a abordagem morfológica do espaço urbano, pôde-se observar um perímetro espacial de gênese vinculada à uma mesma concepção urbanística e arquitetônica de produção espacial, mas com diferentes paisagens consolidadas. Neste cenário, em conjunto com o levantamento bibliográfico, tornou-se tangível a enunciação dos públicos alvo de cada área, bem como a elaboração de um quadro fotográfico comparativo entre as paisagens culturais materializadas, de maneira a aclarar a consolidação de duas paisagens culturais destinadas a públicos alvo distintos, mas construídas em um mesmo período. Com isso, foi possível revelar as distinções arquitetônicas e urbanísticas que permearam a criação do bairro e dos jardins que o compõe, trazendo à tona as concepções volumétricas, a cobertura, as aberturas, os detalhes e os modos de implantação.

Palavras-chave: Paisagem. Shangri-lá. Modernidade. Vernacular

Abstract: This article formulates a discussion about the culture landscape plurality of a specific Londrina (PR)'s geographical area, the Shangri-lá district. The district, with genesis in the early 1950s, is formed by a set of three subdistricts: Shangri-lá A, Shangri-lá B and Jardim do Sol. From the fieldwork on Shangri-lá district – object of analysis of this article –, with a photographic survey of the base type and built typologies, in line with the morphological approach of urban space, it can be observed the genesis perimeter linked to the same urban and architectural conception of spatial production, but with different consolidated landscapes. In this scenario, concomitantly with the bibliographic survey, the enunciation of the target audiences of each area became tangible, as well as the elaboration of a photographic table between the materialized culture landscapes, in order to clarify the construction of two cultural landscapes to distinct social groups, yet built in the same period. From that, it was possible to reveal the architectural and urban distinctions that permeated the creation of the district and subdistricts

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual de Londrina – UEL/PR. E-mail: caroline.santosoliveira.arq.urb@gmail.com.

² Dr. Prof.^a Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, Mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, Doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP. Associada dos Cursos de Graduação e Pós-graduação de Geografia da Universidade Estadual de Londrina – UEL/PR. E-mail: antonello@uel.br.

that made it up, bringing to light the volumetric conceptions, the roof, the openings, the details and the implantation.

Keywords: Landscape. Shangri-lá. Modernity. Vernacular.

1 INTRODUÇÃO

A concepção de Londrina (PR), segundo Yamaki (2006), teve início a partir da década de 1920, com o desenvolvimento do projeto advindo da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), financiada pelo grupo londrino *Brazil Plantations Ltd.*, o qual se certificou previamente da existência da fertilidade das “terras roxas” da região, bem como da riqueza de matérias primas, como a madeira.

Com gênese em 1929, e Plano Urbano de 1932 (YAMAKI, 2006), via-se necessário a implementação de um núcleo urbano por meio do processo de subdivisão em glebas e lotes. A planta de Londrina (PR) seguia uma malha ortogonal, assemelhando a um tabuleiro de xadrez (FRESCA, 2002). A recém formada cidade representava um campo de “[...] certezas e incertezas, de contradições, de devaneios, de desejos e saberes” (YAMAKI, 2006, p. XIV); empreendimento que, em detrimento da instalação da malha ferroviária em 1935 e em concomitância com a rede de estradas, sobressaiu-se na região, sendo sua elevação enquanto Sede Municipal no ano de 1934 (FRESCA, 2002; YAMAKI, 2006).

A imagem da cidade, que almejava a construção de uma *urbe* moderna, deu-se por meio da edificação de casas que se utilizavam das matérias primas locais, sobressaindo o uso da madeira; construía-se a paisagem mediante a uma cultura vernacular, uma “cidade de palmito e madeira” (YAMAKI, 2006, p. 26) celebrando uma forte identidade à região.

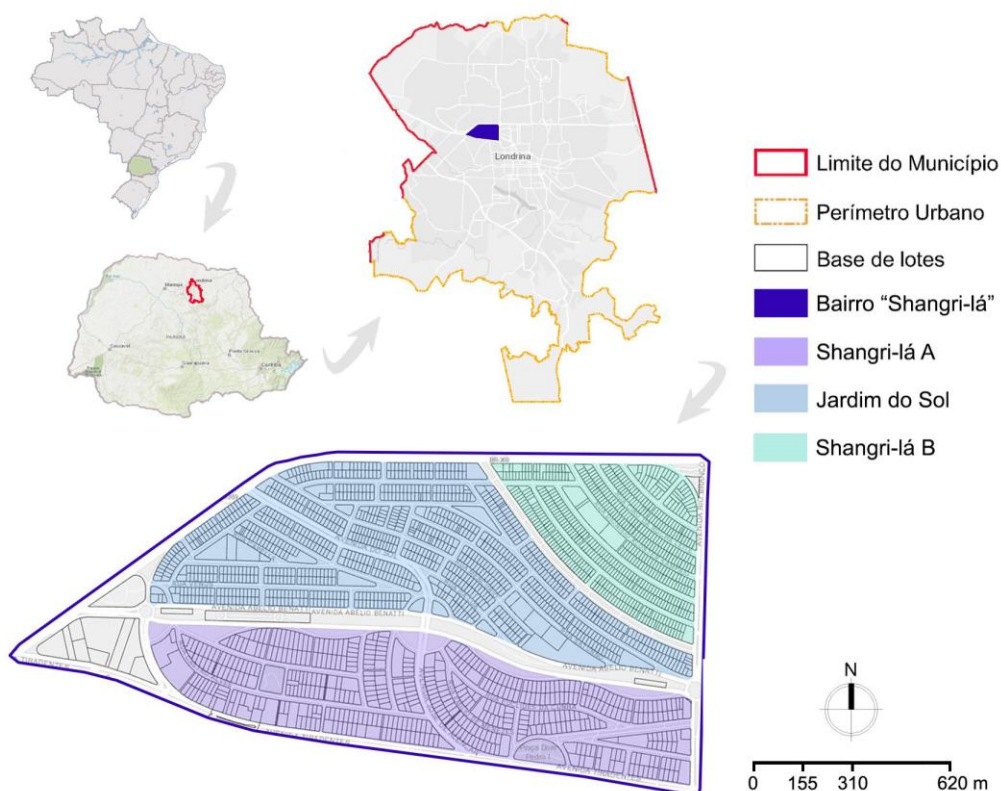
Com o crescimento de Londrina (PR) e o desenvolvimento técnico-legislativo, a cidade se encontrou em um rápido processo de “modernização”; já no ano de 1939 se refletiu tal processo de almejo de materialização da *urbe* moderna com o Decreto 29, o qual proibia o uso de madeira nos principais trechos da cidade, valorizando, desta forma, aquilo compreendido como “moderno”: a construção “em material”, isto é, em alvenaria (YAMAKI, 2003).

Segundo Fresca (2002), entre as décadas de 1940 e 1950, Londrina entrou em processo de rápida expansão da malha urbana, sendo na década de 1950 a consolidação mais veemente dessa dinâmica. Este movimento, por sua vez, guiado principalmente pelo signo de modernidade, acentuou a

necessidade de um plano regulamentador do solo urbano; com isso, surge a Lei Nº 133/1951, a qual promovia um zoneamento que controlava e disciplinava os usos da malha urbana, de forma a propiciar uma estética na produção desse espaço (CESÁRIO; MAGALHÃES, 2016).

Neste contexto da década de 1950 surge o objeto de estudo da presente investigação, o bairro Shangri-lá. Esse bairro corresponde à conformação de três jardins: Shangri-lá A, Jardim do Sol e Shangri-lá B (Figura 1). Com isso, para o presente artigo, tem-se como escopo principal a enunciação comparativa-expositiva da dicotomia existente dentro de um mesmo bairro, reavivando duas perspectivas de paisagens consolidadas pelas edificações presentes: uma regida pela cultura vernacular e outra pela cultura da modernidade.

Figura 1 – Localização do bairro Shangri-lá, Londrina (PR).



Fonte: SIGLON. **Org.:** Autoras (2020).

É a partir deste escopo em que se torna tangível a evidência da produção do espaço voltado à públicos distintos, coexistindo em um mesmo perímetro geográfico. Para tanto, o enfoque principal se dará na comparação-expositiva entre o Jardim do Sol e o Shangri-lá A, visto que ambos enunciam essas distinções de forma clara, conformando diferentes imagens à *psique* dos usuários da *urbe*.

Para tanto, torna-se necessário uma abordagem morfológica do espaço urbano consolidado, como também apontamentos de levantamento de campo fotográfico e levantamento bibliográfico, a fim de aclarar as percepções de imagem espacial e paisagem cultural, e das dicotomias existentes no bairro Shangri-lá - Londrina (PR).

2 METODOLOGIA

A Morfologia Urbana enquanto campo teórico-metodológico se apresenta como esfera de abordagem da presente pesquisa visto que, segundo Lamas (2004), as cidades resultam de uma identidade construtiva e cultural que se conforma nos elementos formais de composição (malha urbana, substrato natural, edificações, tipologias, dentre outros), com transformações no espaço-tempo, ressaltando as permanências e alterações sofridas. Dessa forma, oferece recursos significativos para a interpretação de processos evolutivos do espaço urbano.

Para Sauer (1925), a paisagem configura-se enquanto cenário das manifestações culturais, isto é, a área geográfica em seu último significado, cristalizando as culturas e identidades na paisagem natural. Com isso, observa-se que o indivíduo se torna parte construtor da paisagem cultural, antepondo períodos culturais, conformando diferentes morfologias da paisagem e, por conseguinte, resultando em historicidade. Essa história, por sua vez, pode ser compreendida pelas gerações consecutivas por meio da apreensão da identidade cultural (refletida na morfologia da paisagem) dos indivíduos que a produziu (COSTA; NETTO, 2015).

A transformação da cultura e, conseqüentemente, da paisagem é um processo natural da evolução urbana conformando a sobreposição de períodos morfológicos da cidade. Com isso, é por meio desta em que as autoras Costa e Netto (2015) identificam que aquilo que deve ser eleito ao pensar e analisar é a permanência da paisagem, visto que é por meio dela em que se pode preservar o valor da cultura, das identidades humanas e da história.

Além da morfologia urbana, o presente estudo se apoia também no levantamento de campo fotográfico como forma por meio da qual se pode “[...] entender essas teias de signos e significados que circulam no espaço físico” (SILVA et al., 2019, p. 6), configurando-se como mediações simbólicas na construção dos sentidos culturais dos lugares. Dessa forma, através do levantamento fotográfico, perpassa-se a morfologia tipológica da paisagem, revelando as dicotomias culturais do bairro.

Para tanto, será explicitado algumas imagens mais pontuais, a fim de aclarar o caráter da paisagem do bairro Shangri-lá, visível aos olhos do transeunte na rua, por meio das fachadas voltadas ao espaço público, apreendendo, segundo Yamaki (2008), o caráter das edificações a partir do conjunto de qualidades físicas e visuais que constituem sua composição formal, selecionando tipos representativos de uma dada área cultural.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A paisagem do Shangri-lá

De acordo com Fresca (2002), ao longo das décadas de 1940 e 1950, Londrina (PR) encontra-se em um rápido processo de urbanização; ganha importância de centro de comercialização regional de produção e exportação agrícola, e do capital comercial e financeiro, promovendo a cidade aos chamados “anos dourados”.

Neste cenário, segundo Lopes (2010), com a necessária expansão urbana, devido ao crescimento populacional e econômico, em consonância

com a acentuação da segregação espacial, Londrina apresentou uma demanda por áreas urbanas com infraestrutura e equipamentos de uso coletivo. Surge, à consultoria de Prestes Maia e almejo por uma modernização da *urbe*, a Lei nº 133, de 1951, a qual disciplinava o ordenamento do território e a estética espacial a ser adotada. Sugeriu-se a aplicabilidade de teorias urbanísticas desenvolvidas como: unidade de vizinhança, cidade jardim, subúrbio/bairro jardim, cidades lineares, dentre outras concepções urbanísticas (YAMAKI, 2003; CESÁRIO, MAGALHÃES, 2016).

Surge, então, o primeiro loteamento regido pela lógica da Lei nº 133, dando origem ao atual jardim Shangri-lá A, com sua aprovação em 1952 (LOPES, 2010). De acordo com Lamounier (2006), o projeto do jardim, da Imobiliária Ypiranga, encomendado de São Paulo em 1951, implantou-se na antiga Fazenda Coati, sendo um de seus perímetros a malha férrea pré-existente. As propagandas conferiam ao recém constituído jardim o título de “Bairro Aristocrático de Londrina”, devido às menções à infraestrutura, configuradas enquanto novidades à nova urbanização da cidade: “Asfalto, água e luz. Arborização nas ruas, praças e avenidas”.

O traçado “orgânico” do bairro retratava diretrizes dos subúrbios jardins; uma malha urbana implantada de acordo com a topografia da área geográfica, apresentando infraestrutura e uma preocupação higienista e estética da paisagem de forma a remontar o caráter aristocrático propagandístico. O empreendimento da imobiliária Ypiranga apresentava uma série de praças, em arcos, às margens da ferrovia para que assim possibilitasse um afastamento dos lotes para com os trilhos existentes (LAMOUNIER, 2006).

Foi implantado como equipamento urbano, segundo Cesário e Magalhães (2016), o chamado Mercado Shangri-lá, em concomitância à implantação do Shangri-lá A. Essa prerrogativa teve como pressuposto a criação de um polo residencial autossuficiente, onde as edificações inauguradas na década de 1950, naquele jardim, flertavam com elementos de composição vanguardistas, sendo uma “releitura” realizada por engenheiros civis do período de uma arquitetura dita modernista. Assim, entrava em

processo de consolidação uma região estritamente interligada com uma paisagem “moderna”, ou dita enquanto modernista.

Posteriormente, segundo Castelnou (1996, p. 39 apud LOPES, 2010, p. 562), tem-se a aprovação do Shangri-lá B, em 1955, e do Jardim do Sol, em 1959. Via-se, de acordo com Alves (2002), nesses três projetos, dois públicos alvos distintos. O Shangri-lá A, com extensos lotes, localizados na parte topográfica mais elevada, voltou-se à emergente população dita enquanto “aristocrática” de Londrina (PR), conforme propagandas à época (CESÁRIO, MAGALHÃES, 2016). O Jardim do Sol e o Shangri-lá B, por sua vez, correspondiam aos lotes menores, com possibilidade de 80 a 100 prestações para seu pagamento, abrigando uma parcela da população menos abastada, com crenças e identidades próprias, distintas àquelas do Shangri-lá A.

A observação de campo permitiu identificar o tipo principal e formador do tecido urbano, o qual correspondendo às edificações residenciais unifamiliares, as quais foram propostas desde o período de conformação do bairro como um todo, estendendo-se até a contemporaneidade; excetuando-se os lotes com testada voltada às principais vias e perímetros da região, os quais apresentam um caráter destinado ao tipo comercial majoritariamente.

Pôde-se observar que se constituiu duas paisagens culturais singulares e centrais de residências unifamiliares. Acima da linha férrea (Shangri-lá A), construiu-se um signo de busca por uma modernidade do espaço urbano (Figura 2), na qual as casas em alvenaria isoladas em extensos terrenos apresentavam “[...] pilares delgados e grandes vidraças, bem como telhados borboleta (platibanda em ‘V’)” (LAMOUNIER, 2006, p. 192) e acessos principais em rampas serpentinadas, visto que a edificação se encontrava acima do nível da rua. Assim, remontavam-se elementos de composição formais presentes à uma linguagem “modernista”, mas que, em detrimento de grande parte dos projetistas da época serem engenheiros civis, resultaram em edificações “contidas”, com apreensões de modo indireto e autodidata dos espaços concebidos enquanto “modernistas” (CESÁRIO; MAGALHÃES, 2016, p. 42).

Figura 2 – Tipologia construtiva: Shangri-lá A.



Fonte: Trabalho de Campo (2020). **Foto:** Autoras (2020).

Em oposição (mas não de forma excludente), o Jardim do Sol, em concomitância com o Shangri-lá B, aliam-se à uma realidade de paisagem próxima à cultura vernacular que se instalara no período gênese da cidade de Londrina (PR) (Figura 3). Construíram-se edificações em madeira, apropriando-se da técnica construtiva de “mata-junta”, cobertura em telha cerâmica de duas ou mais águas, com aberturas centralizadas à cada cômodo da residência. Além disso, a tipologia volumétrica detinha uma varanda frontal que conectava os espaços público à vida privada, proporcionando maiores redes de comunicação entre os usuários.

Alguns elementos de composição formal apresentavam-se por meio de ornamentações rendilhadas em madeira na região da testeira e no emolduramento das varandas, remontando uma cultura vernacular que se instaurou nas primeiras décadas de formação da cidade, como demonstrado por Zani (2013).

Figura 3 – Tipologia construtiva: Jardim do Sol.



Fonte: Trabalho de Campo (2020). **Foto:** Autoras (2020).

Não se torna foco de estudo do presente trabalho a análise aprofundada da implantação no lote, visto que na perspectiva da paisagem cultural aos olhos do transeunte em meio ao passeio público, a posição da edificação (ou edificações) não se tornam claras e evidentes ao perfil da rua. Contudo, é possível apresentar algumas situações gerais de implantação a fim de evidenciar a dicotomia presente em um bairro que emergia a partir de uma mesma lógica urbanística, isto é, regida pela Lei nº 133/51, representando na busca por uma modernidade na produção do espaço urbano.

O Shangri-lá A, enquanto constituição e materialização veemente dos ideais pregados pela Lei nº 133, apresenta uma composição residencial onde as casas - como constituição (tímida) formal daquilo concebido como “moderno” - se isolam em meio ao lote, proporcionando uma abstração de uma volumetria solta de uma massa edificada na cidade.

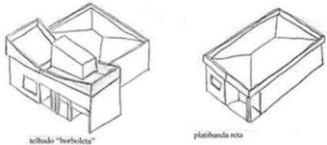

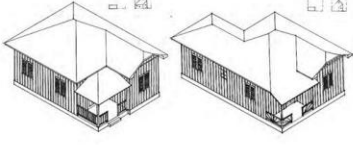








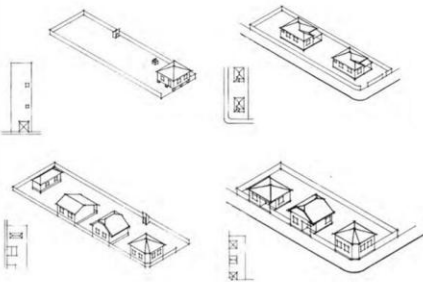
O Jardim do Sol, por sua vez, assemelha-se, em muitas de suas formalizações, à uma implantação onde a massa contínua edificada se sobressai; construíam-se mais de uma edificação residencial *per data*, remontando o modelo vernacular de implantação em vila, como observado em

Zani (2013), conformando o “vazio” espacial por meio do encontro entre público-privado proporcionado pelas varandas e pelos caminhos intra-lote. “A fim de saldar mais rapidamente a dívida, os novos moradores construíam mais uma casa ou edícula no lote para fins de locação” (ALVES, 2002, p. 176).

Observa-se a dicotomia existente entre duas culturas (construtivas e sociais) ditas enquanto distintas, coexistindo em uma mesma delimitação de bairro que fora executada a partir dos mesmos princípios e diretrizes de ordenamento do território, detento enquanto tipo-base a residência unifamiliar, a qual se bifurca em duas macro-tipologias: a vernacular e a (tímida) “modernista”.

Com isso, torna-se palpável a elaboração de um quadro fotográfico síntese (Figura 4) como forma de realizar um paralelismo visual entre as dicotomias enunciadas na presente análise.

Figura 4 – Quadro síntese: entre vernacular e a modernidade.

Categorias	Shangri-lá A	Jardim do Sol
Volumetria	 	 
Cobertura		
Aberturas		
Detalhes		
Implantação		

Fonte: Lamounier (2006); Zani (2013); Trabalho de Campo (2020). **Org.:** Autoras (2020).

Nota-se, por meio desta, a consolidação de duas perspectivas de paisagens culturais, abrangendo distintos públicos-alvo, que representam tipologias aparentemente contrastantes – de épocas distintas –, mas que no cenário de produção espacial do bairro Shangri-lá, foram construídas em um mesmo espaço temporal, coexistem de forma clara e se tornando fontes objetivas de pesquisa no que se refere à compreensão dos usuários que ocupam determinada área geográfica.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da paisagem urbana, de aproximação cultural, por meio de levantamento fotográfico, tangencia os sentidos intuitivos de percepção espacial. Torna-se elemento chave de procedimento metodológico de pesquisa enquanto registro visual e captação formal de elementos materiais. Contudo, deve-se ter, portanto, uma aproximação para com diferentes metodologias, de acordo com as demandas de estudo, a fim de não restringir os resultados de pesquisa às percepções individuais do pesquisador.

Ao condicionar o levantamento de campo fotográfico à perspectiva de evolução morfológica da cidade, permite-se compreender os diferentes períodos de uma determinada área e, por conseguinte, não reproduzir falsas percepções de construção do espaço. Tal pressuposto se torna evidente a partir do estudo de caso do bairro Shangri-lá, o qual apresenta um mesmo período morfológico de formação, regido por um mesmo ideário – anseio de modernização da cidade e manutenção do bem-estar social por meio da produção do espaço urbano –, mas que retrata um tipo-base que se bifurca em duas tipologias compreendidas enquanto distintas.

Neste cenário, as dicotomias da paisagem cultural resultam em pontos chave de análise social, visto que, por meio das diferentes tipologias consolidadas no espaço-tempo, remontam-se os diversos públicos que ocupam/ocuparam uma mesma área geográfica, vinculando e aclarando as diferentes culturas aos seus respectivos reprodutores e usuários.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. M. **História da Assistência Social aos pobres em Londrina: 1940-1980**. 2002. 544 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciência e Letras de Assis, Assis, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103193>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

CESÁRIO, A. C. C.; MAGALHÃES, L. H. (Org.). **Arquitetura e Memória Coletiva: Os sentidos da Modernidade em Londrina: Praça 1º de Maio e Jardim Shangri-lá**. 1ª ed. Londrina: Unifil; Midiograf, 2016.

COSTA, S. de A. P.; NETTO, M. M. G. **Fundamentos de Morfologia Urbana**. Belo Horizonte: C/Arte, 2015.

FRESCA, T. M. Mudanças recentes na expansão físico-territorial de Londrina. **Geografia**, Londrina, v. 11, n. 2, p. 241-264, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/6728>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

LAMAS, J. M. R. G. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. 3ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2004.

LAMOUNIER, A. A. **Atmosferas de ruas: identificação de componentes e qualidades em Londrina-PR**. 2006. 274f. Dissertação (Mestrado em Geografia, Meio Ambiente e Desenvolvimento) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000123285>>. Acesso em: 19 ago. 2020.

LONDRINA. **Lei nº 133, de 07 de dezembro de 1951**. Dispõe sobre arruamentos, loteamentos, zoneamentos e dá outras providências. Disponível em:

<http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/ippul/leis_historicas/lei_133_final.pdz>. Acesso em: 10 ago. 2020.

LOPES, A. C. As margens do progresso: A expansão urbana de Londrina nas representações de moradores de um bairro popular as margens da cidade. **Antíteses**, Londrina, v. 3, n. 5, p. 553-585, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/2012>>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SAUER, C. O. **A Morfologia da Paisagem**. Tradução de: Gabrielle Corrêa Braga. Revisão de: Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: Departamento de Geografia, UFRJ, 1925.

SILVA, S. H. G. et al. Paisagem, fotografia e mapas afetivos: um diálogo entre a geografia cultural e a psicologia ambiental. **Geosaberes**, Ceará, v. 10, n 21, p. 1-21, maio 2019. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/696>>. Acesso em: 15 ago. 2020.

YAMAKI, Humberto (coord.). **Plano de Preservação do Patrimônio Cultural de Londrina**: Documento para Discussão. Londrina, 2003. Disponível em: <http://www1.londrina.pr.gov.br/dados/images/stories/Storage/sec_cultura/patrimonio_historico/pdcp.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2020.

YAMAKI, Humberto. **Labirinto da Memória**: Paisagens de Londrina. Londrina: Edições Humanidades, 2006.

YAMAKI, Humberto. **Caráter de edificações históricas**: elementos de identificação. Londrina: Edições Humanidades, 2008.

ZANI, A. C. **Arquitetura em madeira**. 1ª Ed. Londrina: Eduel, 2013.

Enviado em: 24/01/22

Aceito em: 04/07/22

Editor-Chefe Prof. Dr. Antonio Marcio Haliski

Editor-Adjunto Profª Dr.ª Gislaine Garcia de Faria

Editor-Adjunto Profª Dr.ª Maria Lúcia Buher Machado